

# A ARTE DOS “BALLS” NORTE AMERICANOS COMO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA LGBTQIA+ NO CONTEXTO DAS CIDADES CONTEMPORÂNEAS

## THE ART OF NORTH AMERICAN BALLS AS A TOOL FOR LGBTQI+ RESISTANCE IN THE CONTEXT OF CONTEMPORARY CITIES

Rodrigo de Alencar Freitas JUSTO<sup>1</sup>

Orientação: Francisca Andrea de Brito FURTADO<sup>2</sup>

### RESUMO

O movimento cultural *Ballroom* é apresentado em “*Paris Is Burning*” de Jennie Livingston em 1990. A cultura de bailes tem sua origem nos Estados Unidos, ganhando força entre os anos 70 e 80, onde através da arte, a população LGBTQIA+ se expressava e construía através das “famílias” espaços de resistência. Secchi, em *Primeira lição de urbanismo*, compara a cidade contemporânea com uma colcha de retalhos cujo a estrutura é repleta de complexidade e diversidade. Nesse sentido, compreendemos os *balls* como retalhos dessa colcha. Essa pesquisa bibliográfica tem como escopo discutir a inserção da população LGBTQIA+ no território das cidades a partir do debate em torno da conquista do espaço e do estabelecimento de vínculos afetivos nos *balls* estadunidenses. Verificou-se através desse estudo que o senso de comunidade dos sujeitos engajados nos *balls* fortaleciam suas identidades, os encorajando na apropriação do espaço urbano, porém idealizando corpos e status privilegiados.

Palavras-chave: Balls, urbanismo, arte.

### ABSTRACT

The Ballroom cultural movement is featured in Jennie Livingston's “*Paris Is Burning*” in 1990. Ball culture originated in the United States, gaining strength between the 1970s and 1980s, where through art, the LGBTQIA+ population expressed and built through “families” spaces of resistance. Secchi, in *First lesson of urbanism*, compares the contemporary city with a patchwork whose structure is full of complexity and diversity. In this sense, we understand the balls as scraps of this quilt. This bibliographic research aims to discuss the insertion of the LGBTQI+ population in the cities' territory based on the debate around the conquest of space and the establishment of affective bonds in American balls. It was verified through this study that the sense of community of the subjects engaged in the balls strengthened their identities, encouraging them in the appropriation of the urban space, but idealizing privileged bodies and status.

key words: Balls, urbanism, art.

1 Estudante de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Juazeiro do Norte.

2 Professora dos cursos de Direito e Arquitetura e Urbanismo na Faculdade de Juazeiro do Norte, e Mestra em filosofia.

# A ARTE DOS “BALLS” NORTE AMERICANOS COMO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA LGBTQIA+ NO CONTEXTO DAS CIDADES CONTEMPORÂNEAS

## RESISTÊNCIA LGBTQIA+ NO CONTEXTO DAS CIDADES CONTEMPORÂNEAS

### INTRODUÇÃO

Arquitetura e Urbanismo nos possibilitam pensar o espaço físico e geográfico, mas também as relações entre as pessoas dentro do espaço urbano. Refletir sobre os elementos que podem atuar de maneira excludente no espaço das cidades é também tarefa de arquitetos e urbanistas, tornando-se uma peça muito importante na sensibilização dos atores de uma cidade.

Desta forma, a cultura de bailes apresentada no documentário estadunidense “Paris is burning” de 1990, pode contribuir qualitativamente para o debate sobre a inserção da comunidade LGBTQIA+ durante as décadas de 70 e 80 no espaço urbano.

O contexto sociopolítico no qual se desenvolve a cultura de bailes estadunidenses é marcado por uma guinada ao conservadorismo e por uma ascensão do individualismo. Durante a década de 60, a luta pelos direitos civis e uma efervecência política em torno dos ideais da esquerda haviam mobilizado o país,

A busca pela auto-realização, pela centralidade do eu e pelo culto à imagem ganham impulso na sociedade americana de 1970. O impacto dessas caracterizações será percebido, em especial, a partir da manifestação de novos hábitos e costumes que reproduzem e disseminam a exaustão desses elementos. A cultura de massa da época passa por intensas transformações, seja nos aspectos relacionados à moda e comportamento, seja pela influência musical e dos meios de comunicação (SILVA et al, p.04, 2011).

É a partir desse cenário que pretendemos apontar o aspecto de ressignificação da exclusão por motivos de orientação sexual e raça/etnia, que marca as trajetórias dos sujeitos que se organizam nas “famílias”, na cultura de bailes, discutindo criticamente a importante ocupação do espaço da cidade por esses sujeitos e refletindo sobre até que ponto a arte *ballroom* apresenta uma ruptura com a perspectiva social opressora experimentada pelo habitante das grandes cidades contemporâneas.

Na década de 70, quando surgem os *balls*, os sujeitos LGBTQIA+, além do enfrentamento do preconceito da sociedade, muitas vezes, eram expulsos de casa, renegados pela própria família, ficando sem rumo na cidade. Hoje, ainda temos casos assim. A não aceitação das famílias ainda é um dos fatores decisivos para a “saída ou não do armário”.

Quem perdia sua família e era posto socialmente à margem por conta da orientação sexual, ganhava uma nova família com semelhantes marginalizados na “cultura *ball*”.

Nessas novas famílias, transexuais, transformistas e *drag queens* se tornavam mães e pais de gays e lésbicas, por exemplo. A noção de família tradicionalmente aceita era recuperada nas novas constituições familiares que, através das competições que aconteciam em bailes de rua, promoviam a ocupação desse espaço por sujeitos geralmente invisibilizados. Em “Paris is Burning”, podemos identificar que esses sujeitos eram predominantemente latinos e negros.

Nas casas, além de serem resgatados, acabavam desenvolvendo habilidades artísticas que tanto serviam para a vida como para ajudar suas famílias a ganhar a competição. Corte e costura, cuidado e arrumação de cabelos, confecção de roupas, disciplina, coreografias e performances de dança estavam entre as habilidades, além de desfilarem com muito glamour. Desta forma, a arte se apresentava como possibilidade de resistência e valorização para essas pessoas.

Classe, gênero e raça articulavam-se nesse espaço de maneira livre. As competições eram cheias de brilho e glitter, com performances e desfiles teatrais dos *hits* do momento, além de muita moda! É na cultura *ball* que surge o estilo Vogue, popularizado por Madonna na década de 80.

As casas eram consideradas “paraísos seguros” para a expressão de gênero e de uma feminilidade estilizada que poderia ser rejeitada ou sofrer ameaças de violência fora dos espaços dos *balls*, apenas pela ousadia de expor representações com as quais os indivíduos se sentiam confortáveis, assim como para negros e latinos oriundos de bairros pobres da cidade.

Os *balls* se caracterizavam como uma espécie de sociedade dentro da sociedade, criada a partir da exclusão familiar que esses sujeitos experimentavam. Essa resignificação familiar tinha um viés competitivo, adotava maneiras próprias de expressão e fortalecia seus membros através do compartilhamento de uma experiência em coletividade.

[...]homens e mulheres, bichas, travestis e *drag queens* se organizavam nas chamadas *Houses*, que, em sua maioria, eram rotuladas com nomes de grifes e estilistas, sendo chefiadas por membros lendários que assumiam as posições de “pais” ou “mães” dos grupos. Mais do que coletivos, as *houses* funcionavam como espécies de famílias, unidas não só pelas semelhanças nas narrativas de vida de seus membros, mas por muito afeto e apoio mútuo. (THÜRLER; AZVDO, p.267, 2019)

Os elementos utilizados para esse fortalecimento variavam desde a zombaria, que de um modo bem humorado mirava os oponentes, até os aplausos e encorajamentos por parte da torcida e, em especial da família, que contribuía inegavelmente para o empoderamento diante das adversidades e interdições sociais que esses sujeitos enfrentavam fora daqueles galpões decorados. Consideramos importante lembrar que apesar da possibilidade de inserção social desses indivíduos via arte, é necessário que reflitamos sobre os modelos e padrões que os bailes buscavam reproduzir.

No ano de 1990, a cantora norte americana Madonna, inclusive, levou para o *mainstream* o *Vogue*, surgido no espaço dos marginalizados e que acabou virando febre nas academias americanas. As principais críticas ao movimento *ball*, estão centradas na manutenção de uma hegemonia de classe e raça, tendo em vista que as grandes divas nas quais as performances *balls* se inspiravam, atendiam aos padrões brancos e elitizados de beleza e poder.

## METODOLOGIA

A presente pesquisa de iniciação científica tem por objetivo discutir a cultura de bailes originada nos Estados Unidos na década de 70 como exemplo da complexa estrutura das cidades contemporâneas conforme as reflexões do urbanista Bernardo Secchi. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que se caracteriza como estudo exploratório e qualitativo. Realizou-se pesquisa bibliográfica sobre o tema, especialmente, nas obras de Bernardo Secchi e bell hooks<sup>3</sup>, respectivamente, “Primeira Lição de Urbanismo” e “Is Paris burning?”. Para além desses autores, utilizamos também matérias publicadas em revistas sobre o tema e o subsídio do Documentário *Paris is Burning* (1990).

As populações LGBTQIA+’s enfrentam, desde as cidades modernas às contemporâneas, o desafio de usufruir do espaço público sem medo de serem violentadas. Os altos índices de agressão a essa comunidade são assustadores e fundamentam o urgente debate sobre gênero. Ao combinar as bibliografias acima mencionadas objetiva-se colocar a problemática do respeito a diversidade e da construção de gênero dentro de uma localização espacial, a saber, a cidade.

Para a interpretação das informações obtidas através da pesquisa bibliográfica, nos amparamos no método compreensivo das Ciências Sociais que caracteriza-se por pressupor que os fenômenos sociais, assim como a relação indivíduo e sociedade, só podem ser explicados se levarmos em consideração as suas interações múltiplas e não apenas meros recortes.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Secchi (2006), ambos os modelos de cidade modernas e contemporâneas, são lugares próprios da diversidade. A diversidade a qual se refere Secchi pode ser percebida tanto no que confere à variedade de pessoas quanto à variedade de atividades desenvolvidas no meio urbano.

A diferença é apresentada pelo urbanista como um elemento que costuma ser ressaltado quando o assunto é cidade e associado ao isolamento de grupos diversos através de processos que incluem e excluem seus participantes. Ao passo que os grupos se sentem integrados em suas próprias comunidades, eles estão excluídos do conjunto maior de indivíduos que compõe a cidade.

As “famílias” da cultura de bailes podem ser investigadas enquanto peças nessa espécie de quebra cabeças que é a cidade contemporânea descrita por Secchi por ocupar espaços específicos e por ser mantida afastada de outros com base no preconceito de raça/etnia e orientação sexual.

Os problemas apresentados por Secchi (2006), na relação entre a diversidade e a cidade, na leitura da cidade como caos e no isolamento das minorias em subúrbios ou comunidades excluídas emerge como tema importante para compreensão da estrutura das cidades contemporâneas e para a proposição de estratégias de leitura e intervenção dessas cidades.

O preconceito é uma constante na vida dos que não se encaixam no padrão social heteronormativo. Os ditos “normais” tratam de repelir e segregar a população LGBTQIA+ seja por convicção religiosa, seja por falta de empatia ou esclarecimento, seja por puro ódio.

Através da análise crítica da bibliografia foi possível compreender que, apesar de se mostrar um espaço de empoderamento, o debate acerca da cultura de bailes pode ser ampliado. Esses bailes eram, em suma, espaço de negros e latinos, mas é curioso notar o apreço deles por emular estrelas da moda brancas, como se a idealização feminina correta fosse a da caucasiana.

De acordo com a interpretação de hooks (2019), os homens da “cultura *ball*”, em espaços onde tinham a oportunidade de exaltar suas mulheres e culturas acabavam por esquecê-las, o que a faz questionar o quão transformadores podemos considerar os “balls”.

Desta forma, se por um lado, as competições *balls* restituíam alguma dignidade aos sujeitos que se engajavam nas “famílias” e lhes garantia uma melhor inserção no território urbano através do desenvolvimento de suas habilidades artísticas, os valorando comunitariamente e contribuindo para que eles pudessem se afirmar na cidade enquanto grupo, por outro lado, esses espetáculos são compreendidos por hooks (2006), como esvaziados politicamente.

Em “Paris está em chamas?”, Hooks(2006) se reporta a representação da cultura *ball* em “Paris is burning”, mas podemos perceber que sua crítica se enraíza profundamente no próprio movimento *ball* quando questiona as idealizações do movimento por uma “etética” colonizadora branca e poderosa, que segundo a autora, seduz pessoas negras marginalizadas para longe de quem são e que “negam a existência da beleza em qualquer forma de negritude que não é uma imitação de braquitude”. Nesse sentido, nos questionamos até que ponto a inserção desses sujeitos nos espaços urbanos são efetivamente transformadoras?

## CONCLUSÃO

A inserção no mercado de trabalho e no convívio dentro da cidade eram extremamente afetados pela ligação da AIDS aos LGBTQIA+'s. A doença que surgiu em meados da década de 80 era vista como algo exclusivo de homossexuais, que, para muitos, significava um castigo de Deus para aqueles que viviam em pecado, utilizando esse argumento para externarem os preconceitos.

A desinformação causava pânico na comunidade gay. As famílias formadas na cultura de bailes chegavam a criar o latex ball para espalhar as informações que chegavam e distribuir preservativos.

A falta de oportunidade de emprego e de inserção social favorecia a proximidade dessa população com drogas e prostituição em espaços como *piers*, becos e praças, tendo nos bailes muitas vezes seus únicos momentos de diversão e felicidade. Ao participarem da produção ou das performances, esses sujeitos sentiam-se enfim, reconhecidos e pertencentes à comunidade.

As famílias substitutas para jovens gays, latinos e negros, que expulsos por suas famílias biológicas iam parar nas ruas, se prostituindo, traficando drogas e/ou virando mendigos, eram resignificadas e representavam para muitos jovens, uma nova chance.

A experimentação da fantasia de ser outra pessoa, vivenciada através da música, dança e encenação encontrava limites nos modelos que inspiravam esses sujeitos. O desejo era devotado às figuras brancas e às posições de poder, desta forma, ao despirem-se das personagens, os integrantes das *balls* ainda permaneciam segregados.

Apesar de transcorridos em média 30 anos do auge da cultura de bailes, os espaços ainda são segregados entre gays e heterossexuais. O “Ball” passou a ganhar visibilidade em *realities shows* e séries dedicadas às temáticas, mas muitos são os que ainda veem a prática com maus olhos. A cidade contemporânea apresentada como palco da diversidade por Secchi ainda apresenta muros invisíveis entre seus habitantes. Em pleno século XXI ainda existe a proibição e morte para a população homossexual, além de muito preconceito que tem como alvo gays e negros.

## REFERÊNCIAS

CERQUEIRA, Jackson B. A. de. “Uma visão do neoliberalismo: surgimento, atuação e perspectivas”. **Revista Sitientibus**, Feira de Santana, n. 39, p.169-189, jul./dez. 2008.

HOOKS, bell. “Is Paris Burning?”. In: **Black Looks: Race and Representation**. Boston: South End, 1992. p. 145-156.

HOOKS, bell. Paris está em chamas? In: **Olhares negros, raça e representação**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

LIVINGSTON, Jennie. **Paris Is Burning**. Burbank: Miramax Home Entertainment, 2005. RIGGS, Marlon. *Tongue Untied*. Documentário, 55m, EUA, 1990.

SECCHI, Bernardo. **Primeira lição de urbanismo**. Tradução Marisa Barda e Pedro M. R. Sales. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.

SILVA, Andreza Lisboa da. et al. A Perspectiva Sócio-cultural dos EUA na Década de 1970 Pelo Filme Os Embalos De Sábado À Noite. **Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**. Ano 5 - Edição 1 – Setembro-Novembro de 2011.

THÜRLER Djalma; AZVEDO, Armando. A arte é divina demais para ser normal: drag queers e políticas de subjetivação na cena transformista. **Revista Crioula** - nº 24 - Dissidências de Gênero e Sexualidade nas Literaturas de Língua Portuguesa. 2º Semestre 2019.